

SOLILÓQUIO

Marcos Satoru Kawanami

Rua Dr. Edmilson Pessoa Cavalcanti, 1357
CEP: 15190-000 NHANDEARA - SP

tel: (17) 3472-2989

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



O trabalho SOLILÓQUIO de [Marcos Satoru Kawanami](#) foi licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição - NãoComercial - SemDerivados 3.0 Não Adaptada](#).

Com base no trabalho disponível em [memoriasdaliravelha.blogspot.com](#).

Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em <http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/>.

Here is the suggested HTML:

```
<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/"></a><br />O trabalho <span xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dct:title" rel="dct:type">SOLILÓQUIO</span> de <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Marcos Satoru Kawanami</a> foi licenciado com uma Licença <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/">Creative Commons - Atribuição - NãoComercial - SemDerivados 3.0 Não Adaptada</a>.<br />Com base no trabalho disponível em <a xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" rel="dct:source">memoriasdaliravelha.blogspot.com</a>.<br />Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" rel="cc:morePermissions">http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/</a>.
```

O SENTENCIADO

Ter alma de poeta é sacrificio
a Deus, por sacerdócio leigo infame
ainda que o poeta, em vão, derrame
o sangue de si mesmo em prol do ofício.

Ter alma de poeta é ter por vício
o verso, mesmo que ninguém declame
a ninfa cujo zelo ora lhe inflame
o crânio a meningítico artifício.

Ter alma de poeta, enfim, é isto:
é parecer saudável na doença;
é parecer ateu mas seguir Cristo;

é acrescentar penhor se não compensa;
é dar bom dia à noite, e ainda, insisto,
é redigir na testa uma sentença!

FELICIDADE CANINA (the pursuit of happiness)

Um tal instinto bom eu tenho tido,
que desde a aurora verde de menino
conduz-me em descaminhos cujo tino
teria diplomado um falecido.

Por mais que me quisesse desistido
o mundo de cumprir o meu destino,
o bom talante alegre e olhar canino
feliz em si tem sempre persistido.

Cachorros são felizes porque querem:
lá na indigência hostil do viaduto,
ou no trabalho árduo do polo.

E nesse olhar canino que os diferem,
conforme é mais o afável que o astuto,
pessoas há que têm dos anjos colo.

O LABIGÓ E O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Cientistas, lá na Itália,
nos dizem que a luz não jaz
na primazia que valha
por veloz coisa primaz.

De há muito vovó sabia,
contudo sem dizer nada,
lascando o bico no dia
da verdade anunciada.

É que, no quintal de casa,
da casa de minha avó,
vêm uns bichos que nem brasa
da raça do labigó...

E labigó papa mosca,
é lagartinho furtivo,
sem-vergonha, da cor fosca,
de tino pouco inventivo.

Mas... labigó sempre foi
do que a luz muito mais lépido
no abocanhar grilo-boi,
diz vovó em tom intrépido!

Ao filmar o labigó
abocanhando uma presa,
em HD, foi certeza:
razão tinha a minha avó.

Imagem não registrou
a câmara do evento
que tão veloz se passou,
e aqui dou depoimento.

NINFA E SÁTIRO

Ela: uma ninfa tão merecedora
de todo o mais difícil simples verso,
de todo puro amor que há no Universo,
sem saber de tal dom ser retentora...

Eu: um sátiro mau, qual sempre fora,
espreito o que há de bom, no anseio imerso
de assimilar também o bem diverso
à minha natureza repulsora!

É tarde na floresta, o bosque apaga,
e os pirilampos surgem na quebrada,
magificando a silhueta vaga...

A ninfa, pelo sátiro beijada,
percebe afago exato, e muito afaga
em prol da Eternidade eternizada!

AVE MARIA PÓS-MODERNA

A luz que passa pelo cristalino
dos olhos chega ao fundo cerebral
recomposta em elétrico sinal
diverso do universo extra-tino.

A taça diz que “veritas in vino”,
em forma inversa, imagem espectral
vertendo na retina uma anormal
verdade aceita por qualquer menino...

Talvez o impulso elétrico reflita
externamente apenas algo novo
e tão antigo quanto a luz bendita

no céu de cada qual de cada povo
cujo drama tem sido a mãe aflita
dos elétrons por quem eu me comovo.

MUNDO DAS IDÉIAS

No mundo das idéias só, vivia
eu só, que de ideais fugir tentava;
atado por Platão, eu me arrastava
à banda de Aristóteles da via.

Da via em que seguia noite e dia,
poeta que, no mundo, calculava
o que era coisiforme e destoava
da esfera onde o ideal lhes bem servia.

Baixava-me Aristóteles ao caos
a ser esquadrinhado a lápis, ou
elevado à potência do ideal.

Mas, quando toda a frota soçobrou,
eu vi que tudo é bom; e, afinal,
no mundo das idéias sempre estou.

IDÉIA DE ADÃO

Não é verdade que eu só diga não
a quem só queira ouvir meu doce sim;
sim, é verdade, sempre tem de mim
paciente ouvido a boca da razão.

Se almejo ir além da compreensão
a matutar até ficar carmim,
é bem capaz que eu fique mesmo assim
porque só tenho idéia de Adão!

Que foi este soneto até aqui
—além da praxe da enrolação—
mais do que ir alternando im com ão?

Acabe de Goiás todo o piqui,
paciente ouvido à boca da razão,
humano é o nome da contradição.

SONETO SOLILÓQUIO

Naturalmente em mim autista hermético,
o drama foi fazendo-me... dramático!,
extravasando até o esquema tático
em prol de um benefício mais estético.

Atleta mais melódico que atlético,
sou simbiose de um sopro pneumático
trompista, e artifício matemático;
e em síntese resumo do frenético.

Pois disse-me a parteira no meu parto
que eu fosse à merda!; eu ri, e teve início
a minha saga errante de Pinóquio.

E dentro do meu crânio existe um quarto
em cena teatral donde o bulício
da platéia é aplauso a um solilóquio...

SONETO SHOELESS

No afã de superar minhas manias
de símio faniquítico cristão,
adotei como pai o velho Adão
para circuncidar tudo o que eu via.

Eu quis Raquel, porém casei com Lia,
e ainda de pastor servi Labão;
topei com boi chifrudo em contra-mão,
lançando as bases da Cornogonia...

Corinthiano sou, e não santista,
porque não vi jogar o rei Pelé
que teria me feito um vitorista!

Eu gosto de louvar mesmo é o Mané,
o sumo do resumo idealista,
eu gosto é de mulher que tem chulé!

A GAROTA DE ITAQUERA

No metrô se vai ao longe
balançando o sono fora,
meditando feito um monge
à noite a tardia hora...

Mas balança na alvorada
a Vênus planeta fêmea,
trazendo a vitaminada
alma que da minha é gêmea.

Eu embarco no vagão,
e a tristeza se dissipa;
derrete o meu coração,
que me constipa, constipa!

Vejo a musa do meu ser
que me inspira à luta, avante!
Oh, eu preciso nascer,
sinto a Vida confiante.

Quando vem a alvorada,
minha vista iluminada
transcendente de outra era;
é que pousa nela a amada
garota ideal, sonhada,
a garota de Itaquera...

Do mundo quero mais nada;
no meu peito há uma cratera
de planeta destinada
à garota de Itaquera!

FALOU SOZINHO

Se tanto foi escrito, me é forçoso
o ofício de escrever a essa gente;
verdade seja dita expressamente:
Verdade é o Soberano Magestoso.

Palavra diluída em lacrimoso
minguado verso meu ingentemente
diante da Palavra onipresente
conduz-me de tal modo sempre ao gozo!

A Vida bem vivida e celebrada,
Verdade seja dita, é o Caminho
da história tantas vezes recontada.

Iria eu escrever sobre o carinho
plantado no meu peito a mão de fada,
mas vejo que o Amor falou sozinho!

BORDADO

O meu corpo é um novelo
do linho mais amarelo,
minha vida é desfazê-lo
no verso do amor singelo.

Nas tantas noites que velo,
castigando o cotovelo,
as rimas a quem apelo
são a voz do mudo zelo.

Assim, eu deixo um bordado
neste planeta a quem tem
lido o que tenho deixado.

Se acaso você também
tem-me igualmente estimado,
borde-me aí do seu lado.

INTÉ

Deus, para não ser só, fez-se Trindade;
e tanto de Amor tinha guardado,
que ao lavor de um teatro planejado
em Redenção ergueu à Humanidade...

Eu, por viver tão só em toda idade,
não tenho nem ao menos um cajado
para desfalecer morto escorado,
talvez esteja falho da Vontade.

Vontade que do Caos faz engrenagem;
palavra, sopro, amor de toda gente,
convívio, comunhão, camaradagem.

Mas eu, que amigo sou de um indigente,
amigo não serei de quem não é:
—Não desça do vagão do trem, inté!

BOOK 88

para o amigo Tonho Oliveira

*Assovio flauta atual, foi vossa
darradeira menção de vosso ofício,
e eu fiz estes palíndromos por vício
às sobras, o don no dosar bossa...*

Mas vide que o soneto, minha nossa!,
tem falha métrica, a bem do artifício,
na tal palindroforme estrofe, indício
que o Tonho em apuros põe-me à troça.

Pois é, o autor do “oitentaoitonho”, a mim,
pediu que versejasse para o livro,
o “Book 88”, cheio de artes

impossíveis à la Escher; e, em fim,
do teu pedido, amigo, não me esquivo
ainda que o soneto tu descartes.

O VERSO SIMPLES

"A vida inteira eu quis um verso simples"
a fim de transformar tudo que digo
em melodia amiga aos meus amigos
e inimigos, amigos que hão de vir.

Que a forma, disciplina a qual eu sigo
esquivo ao verso-livre, não me prive
do livre pensamento, e um dia em fim
eu livre me desligue do que ligo.

O verso que virá resume a vida,
une as pontas e une a unidade
do que era dispersivo e sem guarida.

A vida inteira eu quis achar verdade
em toda ingratidão desmerecida,
e o verso simples sempre foi saudade.

18 de janeiro de 2012

TONHO DITO!

para meu amigo Tonho Oliveira

É o que tonho dito:
da vida às margens plácidas do Ipiranga
germinou, como que um dever cívico,
o ofício de trovador
do trovão da dor do dedo
indicador do deus Dionísio,
ébrio feito Escher concebeu do
Mundo das Ideias
Ideias do Mundo
ébrio, feito Escher concebeu do
indicador do deus Dionísio.

Do trovão da dor do dedo,
o ofício de trovador
germinou, como que um dever cívico
da vida às margens plácidas do Ipiranga:
é o que tonho dito.

Nhandeara, 19 de janeiro de 2012

ArquiteTonho

(ler de cima pra baixo e de baixo pra cima)

calo em sentir
quando o que não disse
por conta daquele alcandorado dia
de nossas vidas fragmentadas
é real na unidade
de um desenho à la Escher
quando o ArquiteTonho sorve inspiração.

19 de janeiro de 2012

SEMPRE APENAS

O que eu amava era o próprio Amor,
e eu não sabia, e ia procurando
em tudo quanto ia assim amando,
e sempre assim achando a rima dor.

Então, vejamos, põe zelo, leitor:
difuso guia, ao cego mais cegando,
fazia eu de mim mesmo sempre e quando
metáforas tirava de uma flor...

Agora, sendo finda a primavera
atípica e hostil dos anos meus,
ameno é o verão por sobre a terra.

Entendo a busca, a qual então se deu.
e pela qual o errante tanto erra
amando, em tudo, sempre apenas Deus.

APOLOGIA DA ESTÁTICA

Imóvel permanece quem na vida
se encontra satisfeito por completo;
tem tudo, mesmo sendo analfabeto,
quem vive agora a sorte prometida.

Mais vale a permanência que a partida
se talvez o além-mar nos guarde afeto,
posto que não há gozo mais seletivo
do que prezar a sorte recebida.

O mundo foi criado por amor,
mas por paixão está em movimento;
de maneira que ocorre-me supor:

Tendo Deus agitado o firmamento,
e dado a nós a Sua semelhança,
serão leis o mover e a esperança?

SONETO À MODA DA CASA
ao Vinícius de Moraes

Não comerei da alface a verde prega:
eu nunca fiz questão de andar na moda,
ser vegetariano me incomoda;
um lombo, uma chuleta... não se nega.

Quem desde tenra idade se apega
à mania fraterna de na roda
botar o seu jiló, rapaz!, à poda
de tudo quanto é pau faz vista cega...

Meu lado ecologista, já, preserva
os paus no seu lugar, dentro da mata,
e as cobras se escondendo pelas moitas.

Concordo com Vinícius: comer erva...
além de coisa insípida, é chata,
pra quem já lambuzou-se em carne afoita!

THE LEGEND OF 1900

O barco sintetiza o nosso autismo,
o porto nos aparta do que é mal
que é terra firme afeita ao vil metal
onde naufraga todo idealismo.

Sim, em verdade, o nosso esquisitismo
é lápide funesta sepulcral
durante toda a vida. Na real,
o medo não me assalta ao pé do abismo.

Pois sei que o reles fado da matéria
é o caos quem rege, ou seja, a mão de Deus,
fazendo tudo em prol do bem maior.

E o mundo já parece uma pilhéria,
em tudo sendo bom no caos, e os meus
dias são mais reais no além melhor.

Soneto de Santos Dumont

No alegre turbilhão da juventude,
no esplendor do motor por explosão,
em meio de projetos a efusão,
criar o aeroplano então eu pude.

Crete no ser humano, na virtude,
tudo era festa!, tudo empolgação,
“belle époque”..., ninguém pensava não
que Marte conspirava oculto e rude.

Veio a guerra, o carrasco do progresso?;
talvez não, pois usou-se o aeroplano:
não o inventasse, agora triste eu peço!

Somente o ser humano é desumano...,
e, assim, por suicida eu quis ingresso
na morte-símbolo do ser humano.

Soneto ao Idiota

Tudo de bom já foi escrito; e eu:
que poderei somar à arte escrita?,
pois, hoje em dia, quem escreve, imita
as idéias de alguém que já morreu.

Infeliz todo aquele que nasceu
na era Huxley, época maldita:
com pena não se escreve, se digita
o grito! que é da máquina, ou meu?

Não termino o soneto, e já se esgota
a lástima que eu tinha a esparramar;
e quem lê faz a vez de um idiota

que quer ver onde é que isto vai dar:
vai dar no céu, no mar, na flor que brota...
de todos os clichês da dor de amar.

Jacó e Raquel

“Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela”
(Camões)

Sete anos pondo fé Jacó bebia
cachaça por Raquel, caipira bela;
mas não bebia só, e sim com ela,
porquanto embriagá-la pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava contentado na esparrela;
porém a moça, usando de cautela,
jamais se embriagava, só fingia.

Vendo o pinguço, assim, que com enganos
sempre escapava sóbria a sedutora,
pudicamente e nada dodivana,

despenca-se a beber outros sete anos,
dizendo: —Mais bebera se não fora
para tão grande amor tão pouca cana!

SONETO FERROZ

Eu não quero o lirismo comedido,
como já disse o velho e bom Bandeira;
eu não quero a bandeira brasileira
entre tantas de um mundo dividido.

Eu quero o amor geral, o Amor perdido,
difuso, tão confuso, assim sem eira
nem beira, só a vontade prazenteira
de viver sem jamais ser iludido.

Eu não quero este mundo decadente
que se ufana a dizer ser progressista
num suicídio lento, enquanto mente.

Eu quero é o ideal surrealista,
a doida sanidade do demente,
a lúcida loucura do autista!

SONETO MARGINAL

Silvam velozes ventos; reverberam
luzentes melodias de engrenagens;
os carros saem todos das garagens;
quatrilhões de neurônios deliberam...

Gigantes colossais gusa encarceram,
e vertem a matéria das ferragens;
nas árvores germinam as serragens,
enquanto todos sonham que prosperam...

Avante!, urbe, metrópole paulista:
“non ducor, duco”, diz teu bravo lema;
teu lema insubmisso, idealista!

Enquanto, fora, voga tal esquema
de progresso, barganhas e conquista:
eu, marginal, cinzelo este poema.

www.cancaodoexilio.com

Colhendo a “cinza das horas”
no meu claustro negro e frio,
já velho sem negro fio
sobre o crânio que demora

(contra o câncer que o devora)
a ceder sem glória e brio,
sem o porvir já tardio
do riso infantil que chora,

eu, o “cadáver adiado”
todo avesso a polidez
já não pensava, extasiado

em obscena vetustez,
quando fui repatriado:
— quem conversa em PORTUGUÊS?

WE?

Loneliness is a so natural state
of any living matter you will find;
'cause when I was a child, now I remind
myself: I was alone, that was my hate!

I had a mother, a father, a faith,
and the true love of my sister, so kind...
come from the very equal flesh of mine,
and, yet, I was I behind the soul's gate!

Now, where's my faith, my sister, where am I?
in this spinning sphere which just says good bye
to teach us good bye, to teach us to pass...

As our life goes too fast, we're lonely as
the fast space-ship that goes faster as far
it is from us, from the Origin we are!

ASTRONAUTAS DO PASSADO

O gigante impávido colosso
jaz contemplativo:
...é, e o que fiz de mim?

O gigante corrói-se por dentro:
Faltou-lhe a fé?
Talvez não, mas foi vil
por poder ter sido e não é
venturoso, Brasil.

Há séculos aqui aportaram
os astronautas do passado
que o bravio Atlântico singraram;
e agora Portugal, do outro lado,
chora a cantar um fado dolente
com nostalgia daquela sua gente
que com coragem sobre-humana
dilatou o mundo
plantando a cruz em cada continente.

CONTRADIÇÕES

Portugal...

Lá meu passado deixei,
No chão que nunca pisei.

Não faz mal...

Mal é o mundo que pisei,
Que pisou-me e não deixei.

Frio val...

Das mentiras que aceitei,
Das verdades que inventei.

Pá de cal...

Finda tudo que sonhei,
Mal-me-quer que não plantei.

Prantinal...

Lembro tudo que não sei,
Lembro o que nunca serei.

Funeral...

Amo a morte que esperei,
Espero a mulher que amei.

MEMÓRIA DO FUTURO

Era um retrato cinza, preto e branco...
do tempo dos antigos, de primeiro,
quando a morte assombrava o mundo inteiro
e o fuzil vitimava a cada tranco.

Em uma vila, à beira de um barranco
de escombros e despojos de guerreiro,
tendo ao fundo o adejar de um bombardeiro,
chorava uma criança sobre um banco.

Fechada a boca, lágrimas desciam
silentes sobre o espelho da lembrança,
e no sangue do chão se diluíam...

É toda a espécie humana esta criança,
e as lágrimas que dela se esvaíam
sustentam nova edênica esperança.

SONETO AOS PÁSSAROS

A Águia, para o súdito romano,
foi símbolo de força, paz e guerra;
também nas plagas da Nova Inglaterra
ela é rainha sobre o ser humano.

No mesmo continente americano,
seguindo rumo ao sul, como quem erra,
Cabral foi venturoso ao dar na terra
do bicudo e pacífico Tucano.

Românticos tiveram no Condor
um ícone ideal e soberano
para expandir seu estro e bem se impor.

Caipira, aqui na roça, mais sincero
figura o masculismo sem engano
que tem a marcha gay do Quero-quero!

SONETO DA EXCEÇÃO

O mundo deve estar mal arranjado,
desencontros se dão a todo instante:
um chora desprezado, sendo amante;
outro despreza, sendo bem amado.

Se por divina mão edificado,
nosso planeta vai, porém errante,
seis dias não terão sido o bastante
para trabalho assim tão complicado.

Gente boa a sofrer a vida inteira
é vista em toda parte sem pecado,
e gente má é vista prazenteira.

Meu caso de exceção vai ajustado,
porque, se pecador sou de carreira,
no mundo, dores mil tenho penado.

TEOLOGIA DAS PROBABILIDADES

A gratuidade do Bem é aleatória.
A maldade é sempre intencional.
Portanto, o que é aleatório é divino.
As mutações de DNA são aleatórias.
As mutações de DNA são divinas.
O caos é aleatório ao controle humano.
O caos é divino.
Existir vida em um planeta de um sistema solar é aleatório.
A vida nesse tal planeta é caótica.
A vida em um planeta é vontade de Deus.

UM OSCILOSCÓPIO POR TI GELA

A tua voz, para sempre, gravada
em minhas retinas,
é a imortal imagem tua ecoando
em minhas trompas de eustáquio.

Pois tamanha
confusão mental
de profusão colateral
tu desencadeias
no meu osciloscópio redundante,
que pleonasma!

CÂNTICO EM DESCOMPASSO

Uma insone prantina, orvalhando o lençol,
a cintilar, reflete o que não há de sonho
no cântico ideal feito réquiem medonho
em pentagrama impresso ao arribar do Sol.

Mas, a cada manhã, revigorar suponho
o cântico, alentando-o mais em cachecol
insano, e espiralado qual um caracol
a furtar-se do agreste, gris mundo enfadonho...

Mundo enfadonho!, duro, rijo em teus limites:
por que dás-me esperança?, se tanto é proibido
sob a tua foice atroz; por que sonhar permites?

Amo, sabes?, mas este bem vem preterido
pelo tempo de eu não-ser, e nada há que evite
se aflora-me anacrônica cruel libido.

Décima da Mulher

Mulher é um bicho esquisito:
sangue três dias lhe escorre
a cada mês, e não morre;
mas, se lhe pica um mosquito,
faz alarde igual apito.
Um bicho assim que por “regra”
sua estranheza não nega
me dá um medo patente:
pois não é que uma vidente
via tudo, sendo cega?!

NAVIO
a Camões

Este que os mares singra com pujança,
vaga de continente a continente
a levar para sempre um bem ausente,
a trazer o imigrante e a esperança.

Com coragem viril ao léu se lança
da fortuna até mesmo imprevidente
que, por vezes, não sai impunemente,
a soçobrar qual sonhos de criança...

Navio ou belonave, embarcação
que rasga com o peito despojado
o líquido da vida ou perdição,

carregou, no seu ventre, do passado
os astronautas sem hesitação
“em perigos e guerras esforçados”.

AVIÃO
a Alberto Santos Dumont

Dos anseios, primaz da liberdade
que resume a mecânica beleza
e, furtando do pássaro a destreza,
acaba por vencer a Gravidade.

Milênios só de ingênua veleidade,
atada na primata natureza,
contemplava a cerúlea realeza
a eterna sonhadora Humanidade...

Então, eis que não mais podendo um dia
de um Ícaro conter sua ambição,
o céu genioso enfim se renderia

à vontade voraz de criação
que no elenco da brava engenharia
conquista o ar, nas asas do Avião.

AMOR DE CORNO

Eu devo ser tratado como um verme:
qualquer castigo é pouco para corno,
conforme diz o povo; e pese o adorno
sobre a minha cabeça a entreter-me...

Quando ainda eu gozava na epiderme
o tátil gozo do teu corpo morno,
delegava ao sabão, vassoura e forno
o afeto que não pôde comover-me.

Mas neste pranto em forma de bolero,
eu me humilho até o cúmulo do brega
se ter-te novamente é o que mais quero!

Na fossa a gente vê que o bicho pega,
na lata implorarei sem lero-lero
até que desta voz não reste prega!

IMITAÇÃO DE CRISTO

Não faço apologia ao sofrimento,
nem ojeriza tenho ao mundo e ao gozo;
não sou vanguarda, nem tampouco idoso;
mas, sim, dou viva ao livre pensamento.

Da graça da fé cega estou isento,
mas da graça e fé cega sou cioso,
e almejo o Paraíso esplendoroso
prometido por todo sacramento.

Cuido, porém, que Cristo deu exemplo
ao sofrer o martírio no Calvário,
altar desta verdade que contemplo:

Será no mais extremo e perdulário
despojo, sem amparo, mãe, ou templo,
que hei de ver Deus em meu itinerário.

ARTE METAFÍSICA

Estranha arte é esta de escrever...
Sem pincel, sem cinzel a obra cresce
e toma forma, e nem forma carece
para que a outrem venha a entreter.

Um papel sujo basta ao seu mister,
um papel que no lixo alguém esquece...
Na folha rota que o desdém merece,
é nela que o poema vai nascer.

Poesia, prima-irmã da Matemática
que no papel também faz teorema,
tem ela sempre musa mais simpática.

Seguem Música e Dança o mesmo esquema,
brotando da sublime e etérea prática
qual do nada também brota um poema.

SONETO DE NASALIDADE

a Vinicius de Moraes

De tudo ao meu nariz serei atento;
e tanto e pouco e no jamais e antes,
que mesmo em face de dois elefantes
mais cause minha tromba alumbramento.

Por ele hei de viver sempre asmático
de assoar minha alma, e escarrar sua escória;
enamorado e não menos pneumático...
da sublime função respiratória.

E assim, quando mais tarde me procure
quicá o vexame, angústia de quem vive,
quicá a rinite, conforme Deus mande;

possa eu me dizer do nariz (que tive):
que não seja imoral, inda que grande,
mas que seja aquilino, e não pendure.

Minha Nora Vidente

Achei, de minha parte, coisa boa
os zelos e cuidados que agora
ao meu filho dispensa minha nora,
a qual varre, cozinha, e ensaboa.

Pois, antes, nem sequer mesquinha broa
degustava meu filho ao vir da aurora,
moído a sustentar a tal senhora
que ao banho não se dava, tão à toa...

Hoje em dia, meu filho passa bem:
a mulher tomou viço e se perfuma,
cuida do lar com ânimo também!

Mas a transformação se deu, em suma,
depois que um “anjo” lá chegou —de trem—
por benzer as mulheres, uma a uma!

SONETO NACIONAL

Nasceu lá no Ipiranga a pátria amada
de um povo bonachão e sempre plácido,
mas de brio resistente ao próprio ácido
gástrico a digerir a feijoada!

Fulguras, ó Brasil da caçoadá,
qual um tendão-de-Aquiles cá da América;
porque, se primas na tragédia homérica,
tua comédia é a mais esculhambada!

Mas, se ergues da Justiça a clava forte,
verás que um filho teu, se foge à luta,
o faz somente em nome da labuta;

e, ao fugir do batente até a morte,
canta mais alto seu canto guerreiro
na cadência a sambar, bem brasileiro...

ORAÇÃO

Serena alegria é ouvir Vosso eloqüente
e impassível silêncio,
que ensinou-me na primeira infância
a conversar com os seres mudos do milagre
da Criação.

Por meio deles, meu Deus, Vós me ensinastes
a constante oração que nada pede,
a qual o Cristo pôs em palavras
dando “a César o que é de César,
e a Deus o que é de Deus”.

Só faz sentido pedir a boaventura
da Fé,
razão de ser Humano.

POR TODA A VIDA

Quando eu era pequenino
a falar comigo mesmo,
a viver ao léu, a esmo
na sem-razão de menino:

Felicidade era a minha!,
andando de braço dado,
fingindo ser namorado
de minha irmã caçulinha...

E os adultos que passavam,
da tolice que julgavam,
zombavam muito de mim.

Não sabiam, por cegueira,
que iriam a vida inteira
procurar algo assim.

MISANTROPO

(as maritacas)

Que tenho eu a ver com este mundo
de gente?, turbilhão da vã rotina;
defuntos ambulantes, cega sina
movem despertos num sono profundo...

Falem, falem mais, encham o meu saco!,
que eu sozinho depois longe da rua,
do silêncio as delícias tenho a Lua;
e, plenos, muito rimos de vós: cacos!

Muito mais vale ter por companhia
um bobo alegre, um grande imbecil
que um hipócrita grave e varonil.

Digam que sofro de misantropia,
mas à mulher prefiro a MARITACA
(que nem dá o que dá de bom a vaca).

Por Que o Mundo Existe?

Se Deus permite o mal, há um motivo,
que é transformá-lo em bem —só pode ser—;
eis a razão do nosso padecer
nas garras do pecado assim cativos.

Vivia o pai Adão como um nativo
silvícola tupi, a bem dizer;
e o pranto lhe foi dado conhecer,
a fim de o júbilo sentir mais vivo.

Pois “tudo se encaminha para o bem”,
comenta o Catecismo com justeza
aos crentes pela fé e na razão.

Deus fez o mundo —a isto digo amém—
para que se expandisse a singeleza
do Seu amor em cada redenção.

DRAMA TOWARDS HEAVEN

Began the world from nothing, what so odd;
miracle is that matter came to be;
but, based on human reason, i can see
the evidence that matter is of God.

On a strange and dark, maybe winter day,
that can't be found on any calendar,
the Holy Lord full of divine regard,
began to be a poet and to say:

“Let there be light” on Earth, lyrical stage!
Since then, a human drama is the play;
the entrance is free, or a life to pay...

...A life to gain! Like ink on a blank page,
through time, goes printing the will from above,
on us, the goal of God of good of love.

LEI NATURAL

Se Humanidades faz de tudo egoísmo,
e Biológicas
essa divinal essência
a reduz a mera Química,
que salve Amor
Astronomia,
cujá providencial ciência,
da atração dos corpos
com propriedade elucidada:
Gravitação Celestial.

PÉ FRIO
(ficção total)

Os sapatos vou pôr na geladeira;
explico: sempre fui muito azarado,
pois logo que nasci me foi cortado,
além do umbigo, um membro por cegueira

ou descuido ou maldade da parteira,
sei lá!; só sei que agora, mutilado,
avexo-me de só mijar sentado,
pois do contrário encharco a calça inteira...

Por conta desse corte fui cortado
de fazer na Marinha uma carreira,
nem ganhei a patente de soldado.

De Vênus não desfruto nem que queira
um beijo. Sou pé frio, e, conformado,
os sapatos vou pôr na geladeira!

A PEDRA DE NEWTON
a Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha ein Stein,
tinha ein Stein no meio do caminho.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minha Física tão Clássica.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha Einstein.

PORTANTO
a Ruy Barbosa

De tanto ver vencer a nulidade
sobre o real esforço e competência;
de tanto vicejar a pestilência
num estéril jardim de humanidade;

quando mais nada vale a proibidade,
e a malícia suplanta a inocência;
de tanto padecer a dura ausência
da crença no poder da honestidade;

verificando, já sem esperança,
que a única certeza é a morte rude,
e que zombam da sua confiança;

de tanto ver a ignóbil atitude,
louvada, prosperar com abundância:
o homem vai perdendo a virtude.

À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

“No princípio, era o Verbo”, e o Verbo amava,
e, para amar, deu vida à criatura.
Porque ser Deus, ser Deus não Lhe bastava,
determinou a Redenção futura.

Javé, que sempre o povo Seu guiava,
sendo Senhor, desceu de tal postura
de fria impavidez que O amargurava,
pois Deus quis ser PAI, e pai de ternura.

Mas só ser pai não Lhe bastou, ainda
quis ser IRMÃO, e Se entregar exangue
nas mãos sem nexo de sinédria gangue.

E, para ser irmão, na Sua vinda,
o bom Deus recorreu à poesia:
foi FILHO de uma virgem mãe, Maria.

O BEIJO

O meu amor é coisa indefinida:
existe dentro em mim um sentimento
que oscila entre o riso e o lamento
ao compasso do pêndulo da vida.

Em tudo quanto vejo ou invento,
sempre a ternura se me faz sentida;
assim, amo a chegada e a partida,
amo a carne e o casto pensamento.

Por tudo que acontece sem razão,
ou talvez pela extrema solidão
que me faz desviar do senso reto,

em uma noite quente de verão,
o cúmulo senti do meu afeto:
enteneceu-me o beijo de um inseto!

UMA LENDA QUÍMICA

Nos manuais químicos dum laboratório
um Cloreto de Hidrogênio apaixonou-se
um dia
exotermicamente
por uma base.
Vislumbrou-a com seu olhar abrasivo
de uma reação reversível:
uma figura iônica;
olhos 2 molar, boca dativa,
corpo isobárico, seios em suspensão aquosa.
Fez da sua uma vida
à dela eletropositiva,
até que se encontraram
numa solução.
“Quem és tu?” indagou ele
em precipitado.
“Sou filha dum Alcalino, e neta do Oxigênio.
Mas pode me chamar Hidroxila, de Sódio.”
E de falarem descobriram que eram
altamente reagentes.
E assim se amaram
num ciclo de oxi-redução,
oxidando
ao léu da temperatura
e da pressão
metais, não-metais, semi-metais,
por entre as colunas da Tabela Periódica.
Escandalizaram os ortodoxos
e desbancaram Lavoisier;
desmoralizaram Clayperon
e a relação de PVT.
Enfim, resolveram atingir um equilíbrio,
constituir uma família;
uma família de gases nobres!
De nobreza nada tinham;
nem um tio Xenônio,
nem um primo Hélio.
Mas o produto que tiveram
foi mais venturoso
e providencial.
No bojo dum erlemeyer,
com rendimento cem por cento
nasceram
Água e Sal.

ATLETA

Antes de vir o sol, de madrugada,
viril disposição o impulsiona
a correr até uma maratona,
apenas por começo de jornada.

Com seu porte de esfinge levantada,
o atleta os músculos abona,
e se gaba de nunca ir à lona,
pois é do Olimpo amostra coroada.

Mas por estranhas leis que o amor decreta,
por tudo que acontece sem razão,
as mulheres preferem o poeta...

De maneira que a pose de machão
só acaba por deixar o ledo atleta
mirando o espelho, doido de paixão!

A COISA

(sátira ao Simbolismo)

Coisa coisal, coisinha casual...
Coisona, que coisa mortal, que morte!
Enxoval de mortalha sepulcral
Ao léu, na Penumbra, da vida a Sorte...

Em brancas nuvens agora eternal,
Suspensa nos adocicados sons
Sem o peso das coisas do coisal...
Na harmonia veludosa dos bons.

Coisa angélica, gélida coisinha...
Absoluta coisona de um rapaz,
Meu choro cinza, triste Coisa minha...

Coisal esperança, aliança, paz!
Pertinentemente complementar,
Coisinha essencial ao pé do altar.

POESIA,
partícula expletiva

Mundos em sucessão
muitos, muitos...
cada um diverso do precedente;
outros conceitos, nova concepção;
todo instante uma verdade;
em número imensurável
arranjos,
simultaneamente
realidades
distintas semelhantes cambiantes particulares
por causa dos mundos
concupiscente
conjugação.
Assim o “lá me faz bem”,
assim o “lá não suporto”,
o “que felicidades!”,
e aquela situação exasperante...;
todo instante
um parecer;
mundos em sucessão,
o que é vai já deixando de ser:
umas pessoas –tudo bem,
outro arranjo –também,
o mesmo arranjo e cai mal;
bom-ruim-tanto faz
-e Poesia onde cai?
Poesia e seus versos
luta, pro-
cura por
cura
a propor
em luta:
pareceres? reflexões?
indiferença dos céticos
herméticos ven-
cidos porém!
Poesia de alguns
compunção, talvez
con-
solação
não;
a troça de outrem,
troça do próprio poeta
janela
e cai

Poesia em todo mundo em ausência
onisciência
trivi-
al tanto faz
pois toda vida
janela
e cada janela um mundo;
muitos, muitos...
e o Mundo tantos mundos
em conurbação de mentes
dementes
nos põe
em social conjugação;
e eu e meu vizinho e eu
e nosso vizinho ele
de um mundo terceiro
de sua janela terceiro mun-
dista assim como eu assim como tu
desde manhã percorre mundos a fio
(pela vida que vê de dentro
pela vida que vive fora)
no jesto mais efêmero,
aos furtivos olhares,
nas palavras soltas,
no discurso grave,
em tagarelices
tristes felizes
a cada mais volátil instante
ante
da vida as implicativas
combinações
de vida de mundos-instantes
cambiantes;
tudo sendo instantâneo,
tudo particular
—Poesia, partícula expletiva.

SONETO DO SÉCULO

(ao meu falecido avô materno José Barbosa de Oliveira, que viveu o século)

Primeiro a Física fez do universo,
que outrora foi euclidiano, curvo.
Porém, o humano senso ainda turvo
remanesceu atrozmente perverso.

Pássaros de aço transpassam os ares;
deu graça a música dos anos trinta;
mas o juvenil sangue foi a tinta
da história belicosa de pesares.

Um “Brave New World” assim foi se criando;
o mundo dividido e unificado
viu progresso inefável acelerado.

A tecnologia impõe o seu mando;
a eletrônica alcança o requinte.
Eis o turbulento século vinte!

MOVIOLA

Prepara o filme, e põe na moviola;
Eu quero apenas não querer mais nada,
A minha fita é fita rodada:
Não mais ouvidos dou à corriola.

O ceticismo que ora me isola
Já foi ingênuo amor, já foi cilada.
Adeus mulher, adeus à pátria-amada;
Puxo o bonde empurrando a carriola...

Prepara o filme, e põe na moviola;
Na edição, a tesoura enferrujada
Não há de nos servir, fica calada.

O nosso filme é bom e não enrola:
O que vale mesmo é a gargalhada,
O resto é peta, é burla, ou é piada!

APOLOGIA DO CORNO

Terei do amor um nojo rancoroso;
podia ser, por tanto que hei sofrido
em femininas teias iludido
esparro e corno, e corno não zeloso.

Mas não; sou mais altivo e valoroso
paladino fiel, mesmo abatido,
do conformismo aos cornos conferido
desde o mais novo até o mais idoso.

Não se deve temer, sendo traído,
o apodo de cabrão ou melindroso,
nem o ornato na testa já crescido.

Porque será mais vil e doloroso
nunca beijar um lábio apetecido,
e furtar-se do chifre glorioso!

SONETO DO FIM

O fim da gravidez é o nascimento;
o fim do nascimento é dar a vida;
o fim da vida é a sorte prometida
e revivida em todo sacramento.

A infância é finda com o crescimento,
que transforma a mulher bem mais querida
ao homem já viril em sua lida;
tudo a fim de que exista casamento.

O começo do fim é o Universo,
e nele começou a Humanidade,
que, um dia, começou a fazer verso.

O verso tem por fim posteridade
se o destino não der-lhe um fim perverso;
enfim, o fim do fim é a eternidade.

SONETO À SOGRA

Quem ama a mãe da esposa é destinado
a ter segunda mãe no casamento,
cujo desvelo afável faz momentos
de eternidade, eternos, conjugados.

Caminha o marido lado a lado
com os pais do querido complemento;
quem quer dessa família estar isento,
não pode ter seu próprio clã honrado.

Ser mãe de um ser amado é dom divino,
se santo é o próprio Amor que nos dá a Vida
que vem da Virgem Mãe do Céu querida.

Portanto, aqui redijo um ledor hino,
se tal subido lastro um genro logra
expondo como é bom amar a sogra.

Rendição

Flameja uma bandeira
No campo de batalha.

Não quer mesmo que queira
Da pátria a mortalha.

Junto à bandeira arqueja
Um soldado que manca.

No horizonte flameja
Uma bandeira branca...

OS PORTUGAS

CANTO I

(antes da ressurreição)

1

As armas e os barões atrapalhados,
Que da accidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes insultados,
Passaram muito além da mente insana
Em pegas-para-capar desnorteados,
Mais do que os que estimula o rum-de-cana,
E entre gente mais torta edificaram
Novo Reino, que tanto avacalharam;

2

E também as piadas gloriosas
Dos Portugas que foram difamando
O bom-senso, e as terras viciosas
Do Brasil foram só bisbilhotando;
E aqueles que por obras desastrosas
Vivem da lei da morte se esquivando;
Sorrindo espalharei por toda parte
A desmesura em Vênus, Terra e Marte.

3

Cessem do nécio Gago e Paraíba
As confusões heróicas que aprontaram;
Cale-se de bombinha e de biriba
O furor da mamãe que provocaram,
Pois o portugo peito é sempre arriba,
De quem Neptuno e Marte assim zombaram:
Cesse tudo o que a Musa velha arrota,
Que furtivo é o peido que se nota.

4

E vós Sátiros lindos, pois criado
Tendes em mim um novo pervertido,
Se sempre em verso liso e bem safado
Celebrei vosso mato divertido,
Dai-me agora um som alto e perfumado,
Um estilo maldoso intrometido,
Por que, de vossas moitas, Febo diga
Que saiu assustada a Rapariga.

5

Dai-me uma pamba grande desejada,
E não um clarinete ou flauta ruda,

Mas a tuba canora avantajada,
Que ao peito ascende e a cor ao gesto muda;
Dai-me esse entusiasmo da gozada
Gente vossa, que ao Riso tanto ajuda;
Que se espalhe a pilhéria no universo,
Se tanto despautério cabe em verso.

6

Manuel Joaquim, herói da nossa gente,
Partiu de Portugal mui furibundo
Com o Destino, este indecente,
Que o confiou nas mãos do Velho Mundo;
E arribou no Brasil, todo contente,
A fim de mergulhar até o fundo
Num barril generoso de cachaça;
Vê-lo assim dava gosto, dava graça.

7

Depois de beber tal tonificante,
O portuga quedou-se a lamentar:
Queria ver Maria, sua amante;
Largado ao celibato do além-mar,
Encasquetou a idéia no talante
Que, no Brasil, preciso era casar;
Esteve por alguns dias inquieto,
Carecia escrever o analfabeto.

8

Então, para Maria enviou
Uma fosfórea caixa, em sinal
Do grande amor que sempre despertou
No seu portugo peito angelical
A boca desdentada que beijou
Numa moita dum bosque em Portugal;
Mas, dos fósforos não valeu nenhum,
Pois Manuel testara cada um.

9

Sequioso por ler a correspondência,
Manuel pedia a Pedro, mais letrado,
Que lesse em alta voz com diligência
As cartas que enviava o ente amado;
Em uma nobre mostra de demência,
Os ouvidos de Pedro eram tampados
Pelas mãos do portuga cauteloso
Em preservar o assunto sigiloso.

10

Maria de Oliveira Corrimão,
Desde sempre beata de carreira,
Levava sua bíblia na mão,
Levava sua vela na algibeira,

Deixava mui feliz o sacristão
Cuja cara luzia prazenteira;
Esta mulher, portuga exemplar,
Chorava o Manuel no além-mar.

11
Maria se aprazia em contemplar
Todos os santos feitos de madeira;
Gemia de fervor ao pé do altar,
Tamanha a sua fé tão verdadeira;
Deixava mesmo até de respirar
No momento da reza derradeira;
Pois é santa a portuga concubina,
Que agrada ao homem que não é sovina.

12
Com os pretos mostrava caridade;
Sem racismo, pintava-os de cal
Dando a todos a sua claridade;
Segurando a brocha pelo pau,
Conheceu uma sã maternidade,
E assim tão pura nunca se deu mal;
Entanto, Manuel ia sofrendo,
E na testa um ornato ia nascendo.

13
Manuel, sendo burro mas não besta,
Arranjou outro amor, e sem tardança
Fez o Pedro escrever uma funesta
Missiva, pondo cabo à esperança
Da Maria lograr pela fenestra
Penetrar no Brasil da maré-mansa;
A portuga, ficando em chão natal,
Lamentou ter nascido em Portugal.

14
Manuel se enfeitou e pôs gravata
Para ir ao encontro triunfal
Da musa que do samba é diplomata,
Que neste mundo não acha rival;
Ele se enrabichou pela Mulata,
Riu-se do sem-sabor de Portugal,
E três dias passou tirando e pondo;
O quê?, a bem dizer, é o que não sondo.

15
Por nossa estranha sina sobre a Terra,
Por tudo que acontece sem razão,
Aqui dá-se um milagre que aterra
Na vida do portuga bom varão:
De repente a Mulata um dia berra,
Notando que lhe cresce um barrigão;

Passados nove meses ansiosos,
Os papais se contentam de orgulhosos.

16

A fim de sustentar a farta prole
Que se seguiu depois do matrimônio
(Nota-se que a Mulata muito bole,
Esta obra divina e do demônio),
O Manuel deixou de corpo mole,
E teve que arrumar labor idôneo;
Fundou o brasileiro botequim:
Esta instituição nasceu assim.

17

Pra consolar Maria em Portugal,
Lamentando perder pra brasileira,
Manuel lhe enviava genial
Mistura de farinha bem caseira
Pra emprenhamento não convencional;
Maria prenhe, diz ele sem eira:
“Que coisa nova, que coisa epilética!
Caralhos, criei a Porra Sintética!”

18

Teve também um caso de exceção:
Afonso em Lisboa, viu seu pai
Jogando a um mendigo um só tostão;
Já chegando ao Brasil, deu muito mais,
E o menino, confuso da razão,
Pergunta: “Por que aqui tanto assim dais?”
Responde o pai, risonho e zombeteiro:
“Porque este, além de tudo, é brasileiro”.

19

Manuel nunca quis o casamento
Da filha com o velho Raoni;
Pois, exigiu do índio provimento
Além do que podia um guarani;
Havia de ter membro de jumento
Esta caricatura de Peri;
Sem vacilo, a resposta logo veio:
O índio ia mandar cortar no meio!

20

Da Mulata com nosso Manuel,
Ao mundo veio gente indefinida
Que eu não ousa pintar neste papel;
Do índio com a filha divertida
Dos, tenros qual jasmim, beijos de mel,
Nasceu robusta a raça prometida,
A raça malandrinha e fuxiqueira,
A raça da brava gente brasileira.

21

Depois veio a nascer Macunaíma,
O grande mal, a grande tempestade
Que se espreguiça e nunca sai de cima
De uma rede de luxo e de maldade;
E se seu pai louvado cabe em rima,
Deus salve a pena de Mário de Andrade
Que aos povos deu o povo em prosa e verso,
E aos novos deu um novo senso emerso.

22

Voltando ao Manuel, bom português,
Dou fé que um nobre amigo ele arranjou;
O amigo aqui chegou, fazia um mês,
Do distante Japão, e se casou
Feliz com uma doida o japonês;
Pouco custa antever o que passou:
História com portuga e nipolino
É um belo monumento ao desatino.

23

Tendo um filho, o japona quis um nome
Que cá servisse em plaga ocidental
Para o menino nunca passar fome
Ou carestia, ou mesmo passar mal
De diarreia, que tanto consome
O siso do malandro e do boçal;
Querendo batizar o rapazinho,
Foi atrás do portuga, seu vizinho.

24

No boteco, o portuga bonachão
Contemplava a poupança já capenga
Da tal Mulata amor de perdição,
Quando entrou o japona lenga-lenga
Atrás de um nome a dar ao seu varão,
E, sem saber, criou uma pendenga
Compreendendo torta a sua mente
O que disse o portuga simplesmente:

25

“Sugiro que o menino venha a ter
Um belo nome, qual Sebastião,
Vulgo: Tião, herói que há de volver
De Arábia com a glória da nação”;
E o nipolino, sem nada entender,
Deu, à palestra, sua conclusão:
“Sim, gostei do Sugiro, obrigado;
Assim vai se chamar este abestado”.

26

E quando o japonês ficou doente
Já morrendo na cama do hospital,
Dizia: “Soro... caba” falecente
Nos braços do portuga prantinal;
Até que em fim, sem mais e de repente,
Bate as botas o japona, de tão mal;
“Mas, o que foi?”, se assusta o enfermeiro
Chegando bem no instante derradeiro.

27

“Não sei; morreu assim este infeliz;
Apenas Sorocaba ele lembrava,
Urbe talvez de antiga cicatriz”;
Com cara mais atenta e muito brava,
Lamenta o enfermeiro todo gris:
“Pudera, Manuel, você pisava
Na borracha do soro glicosado:
O morto faleceu esfomeado!”

28

No enterro do japona, dá-se o cúmulo
Do orgulho, vaidade e despautério
Quando Manuel, junto ao val do túmulo,
Com voz grave discursa muito sério
E cai-lhe a dentadura de tão trêmulo
Naquela cova chã do cemitério,
Mas, altivo, inda diz num improviso:
“E... leva este meu último sorriso!”

29

Na saga valorosa do imigrante
Alemão, japonês e italiano,
A morte formidável é constante,
Como é constante o esforço sobre-humano
Por fazer que o portuga mais de adiante
Do ítalo, nipônico e germano;
E resta-lhe berrar feito uma anta:
“A minha lança é dura, e se alevanta!”

30

Mas, se todo cristão é português,
E Portugal é toda a cristandade,
E mesmo o bacalhau norueguês
Perde em fé pra portuga qualidade,
A escolha está a gosto do freguês:
Tem salame, toicinho e brevidade;
Tem gente, que fugindo do tridente,
Foi plantar cruz em cada continente.

31

Findo o Império, veio o preconceito

Para com o portuga bigodudo
Por parte dessa gente sem respeito
Que pensa ter brasão e poder tudo
Tão somente porque, digo sem jeito,
Parece que o portuga é orelhudo;
Abaixo ao preconceito, minha gente,
A quem se faz de cérebro carente.

32

Nem todo português se debilita
Diante do malandro tropical;
É o caso do portuga que arrebita
Arrebita arrebita o berimbau
Da Mulata que nunca facilita
Fazendo na avenida o Carnaval;
Salve o Moreira, o Souza, o Oliveira,
Coringas da folia brasileira!

33

Como é certo que um dia tudo finda
Neste planeta pleno de incerteza,
Vou dando cabo nesta história linda
Da raça enobrecida à fortaleza
De um caráter ereto, e mais ainda
Soberbo de façanha à portuguesa;
Pois eu vi quando tudo teve fim;
Foi numa noite, lá no botequim:

34

O turco Farid, grande cobrador,
Tinha brio por jamais se alienar
Do dinheiro, razão do seu amor
Todo feito de débito à cobrar,
E nesta noite quis ver o senhor
Davi, judeu ferrado a não pagar;
A dívida imensa do judeu
Foi razão que com tudo feneceu.

35

Armado de pistola, o turco disse
Ao judeu que de lá não sairia
Sem que a cor do dinheiro ele visse,
Sem saber que Davi se mataria
Para que assim a dívida sumisse
No pó que volta ao pó da sesmaria;
Porém, o turco tira o seu chapéu,
E vai cobrar a dívida no céu.

36

Mortos Farid e aquele fariseu,
Manuel, empolgado, os imita

Arrebentando à bala o crânio seu;
A Mulata lamenta e se agita
Com a frase que não compreendeu:
“Ora, pois, que não perco esta grita
Nem que esteja bem morto lá no céu!”
E o portuga morreu, assim, ao léu.

37

Morte gozada, morte um tanto besta
Esta morte portuga, lusitana;
Se eu pudesse, fazia uma requêsta
Para ressuscitar a mente insana
Do Manuel, herói desta palestra,
Que é portuga, sambista e pé-de-cana;
Quero que Deus ao mundo ele nos mande
Para do mundo a Deus dar parte grande.

CANTO II

(a ressurreição)

1

Recolhendo os miolos espalhados
Pelo chão, a Mulata dedicada
Implorava o perdão dos seus pecados,
Alegando, bastante melindrada,
Sem querer terem sido praticados,
Pois a fé para ela era sagrada:
“Saravá, Santo Antônio de Lisboa!
Tem pena desta filha de Gamboa.”

2

“Pois que se sempre obrar foi minha sina
Pelo bem do Portuga, meu marido,
Por quem perdi as graças de menina,
Tendo meu lorto muito padecido,
Afasta-me, senhor, desta prantina,
Que hás de ficar contente e ressarcido;
E juro que se tal se assuocer,
Eu deixo o samba... eu deixo de beber.”

3

Santo Antônio bondoso, enternecido
Por tamanha, singela e pura fé
Da Mulata que sempre tem vivido
De dar tudo por um copo de mé,
Considerou ser justo e merecido
Seu interceder junto à Santa Sé;
Posto que uma figura assim lendária
Não merecia tal morte ordinária.

4

Manuel levantou, de um salto, são,
Exconjurando, fulo, Santo Antônio
Que não o deixou morto em paz no chão
Junto da companhia do Demônio
E suas diabinhas de plantão
Que se davam a ele em matrimônio;
O Manuel até no Purgatório
Tinha que ser portugo e ser notório.

5

Dona Mulata quis comemorar
A feliz, conjugal ressurreição;
Saiu com seu portuga pra jantar
Cheia de si, conforme a tradição
Muito afeita ao estilo popular
De fingir que jamais meteu a mão
Num prato de comida transbordante,
Fazendo-se de chique, de importante.

6

O portuga, que nunca em restaurante
Havia acomodado o seu traseiro,
Rebolou-se por dois ou três instantes
Qual se fosse em batalha um guerreiro
A perder a saúde e o talante
Entre a faca, o garfo e o saleiro;
Queria uma azeitona alfinetar,
Porém ela insistia em escapar.

7

Até que, com respeito, o garção
Disse: “Não é assim, caro senhor”,
E com habilidade e destra mão,
Fazendo o Manuel mudar de cor,
O fruto alfinetou no bandeirão,
E em frente do portuga veio a por
Garfo com azeitona qual troféu
Dando afronta ao sisudo Manuel.

8

Mas o nosso herói não se amofinou;
De ar encheu o peito, juntou tino,
A Deus e ao mundo a alma encomendou,
E com tanto conluio assim divino
Que a lusitana gente auxiliou,
Safou-se do garção num desatino:
“Pegaste a azeitona, sim, bem vi,
Mas primeiro eu cansei-a para ti!”

9

Quanto espírito!, quanta inteligência
Vemos aqui na vida lusitana;
Que tato!, que sensata interjumência
Além do terrenal, além de humana
Concedeu-se por Deus com diligência
À raça que dobrou a Taprobana,
E entre gente remota construiu
O Império, a quem tanto divertiu.

10

Gigante, Adamastor é uma imagem
Símbolo da grandeza sem igual
Nascente da vontade e da coragem
Para vencer a mofa, porco mal
Oriundo da ignóbil vassalagem
Sofrida por quem vem de Portugal:
Adamastor, com garbo varonil,
Fez-se peão de obra no Brasil.

11

Eu, outro dia, lendo um bom jornal,
Me informei da atual situação
Em que vive a família em Portugal;
As mulheres evitam concepção
Com um costume casto e virginal:
Lá, varão só se deita com varão,
E o boiolismo agora é permitido
Com aval da moral e do marido.

12

Assim é o bravo povo belicoso
Que em Porto Cale fez-se florescer,
Que desde Lusitânia, chão formoso,
Se arrojou para o mundo submeter,
Cujo Império tão vasto e glorioso
Avistava primeiro o Sol nascer;
E, portanto, também para se amar
Eles põem as espadas pra brigar.

13

O valor português será lembrado
Mesmo que, para isto, em castidade,
Cujo voto é tanto celebrado,
Tenha eu que viver feito um abade
Rezador, penitente e respeitado
Pelas mulheres da boa-vontade;
Pois à vida voltou para ser grande
Nosso herói que faz rir por onde ande.

CANTO III

(haja paciência)

1

Estando, certa vez, no elevador,
Manuel observou gentil inglês
Que ao flato de uma jovem, com pudor,
Disse ter sido seu, sendo cortês;
Pois então adentrou lá no ascensor
Velha gorda a peidar sem timidez
E o Manuel: “Os peidos da velhinha
Que agora entrou, são todos culpa minha!”

2

Mas, pior foi no bonde certo dia
No tempo desta elétrica carroça;
Chovia muito, sim, como chovia!
E o bonde era aberto, que palhoça...
E o portuga sozinho lá seguia;
“Pois, troque de lugar, ora que troça!”
Mas vendo que não tinha mais ninguém:
“Trocar até queria..., mas com quem?”

3

Também logo chegando ao Brasil,
O primo do portuga padeceu
A gozação, galhofa, troças mil
Devido ao nome que seu pai lhe deu:
José Veado, que nome mais vil...
Pois, em cartório, outro recebeu
E por escolha própria foi chamado
Não mais José, porém Vasco Veado.

4

Bem, este primo teve um triste fim,
Mas digno de honrado lusitano;
Foi quando encendiou-se o botequim
E Vasco cometeu um ledô engano
Com o extintor que dizia assim:
“Cabeça para baixo contra o plano”;
Pobre Vasco acabou carbonizado
De pernas para o ar, muito esforçado.

5

Sem graça com a fama que lhe dava
Todo o povo de ser tonto e tapado,
Manuel, furibundo, matutava
Num jeito de ser bem considerado;
E, para tanto, pouco lhe faltava:
Era só estudar, ser mais letrado;
Um professor de lógica arrumou

Que ao Manuel assim o ilustrou:

6

“De lógica o mundo está formado,
De bom-senso é que a lógica se embasa;
Por exemplo, discípulo estimado,
Acaso você tem cachorro em casa?
Se tem, tem filhos; não é, pois, veado.”
Com este exemplo doido, esta vaza,
Claro que era portuga o professor;
Perdoa-me Jesus Nosso Senhor!

7

Mais doido ainda foi o que se deu
Quando o amigo Pedro perguntou
Sobre a lógica, “coisa de sandeu”,
Ao que o portuga logo secundou:
“Tem cachorro no doce lar de seu?”
E Pedro: “Não, com bicho não me dou”;
“Logo”, fez o portuga entusiasmado,
“És bicha, um boiola, um veado!”

8

Eis sutileza!, eis vigor mental
Peculiar à raça lusitana
Que há de ser interna de hospital
Dando a luz à Ciência Americana
Cujo amor se sublima a Portugal
Nas piadas gozadas tão sacanas
Deste bardo que em seu delírio canta
O portugo valor que se alevanta.

9

Este valor já vem de antiga data
Quando do Manuel um ancestral
Em uma expedição brava e sensata
Acabou bem, mas quase se deu mal
Procurando uma nova rota exata
Rumo à Índia submissa a Portugal;
E por causa de um vento mui cortês
O Brasil é um erro português.

10

Em vez de achar a Índia, o lusitano
Encontrou com as índias tropicais,
E no seu apetite tão profano
Aderiu aos costumes canibais
Abocanhando dez índias por ano
A se fartar até não poder mais;
E desta comilança doida acaba
Que o brasileiro tem um pé na Taba.

11

Dirigindo seu carro, embriagado,
Duma feita o Mané fez uma cena;
Tendo a polícia tanto atormentado,
Inda disse com voz a mais serena:
“Cachaça não me deixa embriagado.”
Pois, deu-se alteração na sua pena
Não mais de trinta dias no xadrez,
Porém, conforme é justo, só de um mês.

12

É posto Manuel com um leproso,
O qual na cela quer meter-lhe medo;
Eis que o pérfido, podre criminoso
Arranca e joga fora o próprio dedo;
Não dando o outro mostras de ansioso,
O vilão joga um braço já azedo,
Ao que o nosso herói solta gritos loucos:
“Ó pá, o gajo está fugindo aos poucos!”

13

Depois de conseguir a liberdade,
Muito mais aprontou o Manuel
Com o seu nobre estilo e dignidade
Tanto na Terra, bem como no Céu;
De modo que, por tal enormidade
De esculhambação, falta-me o papel,
E a vocês faltaria a paciência
Para saber de tanta interjumência.

CANTO IV

(ascensão e vida eterna)

1

Já velho assaz cansado da existência,
Desgostoso a beber ardida cana,
O Manuel em trôpega cadência
Saiu com um charuto dos de Havana
A devanear sem qualquer prudência,
Pisando numa casca de banana;
Mas, antes que ele caia, o tempo pausa;
O Olimpo delibera sobre a causa.

2

Do alto do seu trono soberano,
Zeus preside o concílio divinal
Inquirindo em tom grave, puritano,
Qual será desta história o final:
“Conheço o peito ilustre lusitano,
E conheço o valor de Portugal;
Como pode um herói morrer assim

Só de queda, qual um Mané Joaquim?”

3

Vênus, cheia de amor, pudica e casta,
Contemplando o portuga, amorosa,
Despe-se, fica nua, e se arrasta
Para Zeus a rogar-lhe mui chorosa:
“Meu senhor, elogio só não me basta;
Bem sei que vós me tendes por gostosa,
Mas eu quero de vós prova cabal
De amor por vossa gaja e Portugal.”

4

Mas Baco intrometido, cão danado,
Desvelando as orgias da menina
Deixa Zeus muito fulo e corneado;
Sendo, porém, safada e feminina,
Vênus ataca por um outro lado
Fazendo-se de frágil, com prantina,
Fazendo-se de santa, piedosa,
Constipa a voz e diz toda manhosa:

5

“Se Deus é brasileiro (por que não?),
Zeus haverá de ser de Portugal,
E neste honrado posto e condição
Tem por mister trazer à imortal
Acrópole de nosso Olimpo, então,
O bravo português de estirpe tal
Digno de receber também seu culto
Mítico de piadas de alto vulto.”

6

Um amante dos gestos grandiosos,
Zeus manda Baco ir catar coquinho;
Depois, sacolejando os generosos
Músculos colossais quais de moinho,
Solta estrondos de voz mais poderosos
Que um guri pirraçando seu vizinho:
“Eu ordeno que suba o Manuel
Para entrar nas comidas cá no Céu!”

7

E assim como ele está, com vista incerta,
Língua pra fora, mãos à rivelia,
Perna no ar, braguilha meio aberta,
Dá-se com Manuel dita magia
Deixando-o cabreiro, um tanto alerta,
Sem saber para onde é que ia;
Foi subindo, subindo sempre ao léu
Com charuto e cachaça rumo ao céu...

8

Assim é que ascendeu o nosso herói
Numa ascensão de glória triunfal
Ao Olimpo que o tempo não corrói;
Livrou-se do sepulcro e pá de cal,
Ninguém lhe ofende mais, nada mais dói,
Nem mais saudade tem de Portugal;
Pois agora está livre, está contente:
Manuel Joaquim, herói da nossa gente!

Nhandeara, 17 de março de 2001
Marcos Satoru Kawanami

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)